

FORMAR PARA A FÉ E O SERVIÇO

4.2 ESPIRITUALIDADE DOS LEIGOS ORIENTADA PARA O APOSTOLADO

SEGUNDA PARTE: ESVAZIAR-SE PARA O APOSTOLADO

A segunda parte do número 4 do *Apostolicam Actuositatem* caracteriza-se pela caridade. Toda a vida da Igreja é norteadada pela caridade, ela é a maior de todas as virtudes, permanecendo na vida eterna (1Cor 12, 8.13). Por ela o homem abre-se a Cristo, despojado-se das maldades, da falsidade, do egoísmo, do falso juízo para viver a fraternidade. Olhem como *Apostolicam Actuositatem* descreve as exigências pastorais quando revestidas com a caridade, continuando com o número 4:

“Impelidos pela caridade que vem de Deus, praticam o bem com relação a todos, sobretudo para com os irmãos na fé (cfr. Gl 6, 10), despojando-se «de toda a malícia e engano, hipocrisias, invejas e toda a espécie de maledicências» (1 Pd 2, 1) e assim atraem a Cristo todos os homens. O amor de Deus que «foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado» (Rm 5, 5), torna os leigos capazes de exprimir em verdade, na própria vida, o espírito das Bem-aventuranças. Seguindo a Cristo pobre, nem se deixam abater com a falta dos bens temporais nem se exaltam com a sua abundância; imitando a Cristo humilde, não são cobiçosos da glória vã (cf Gl 5, 26), mas procuram mais agradar a Deus que aos homens, sempre dispostos a deixar tudo por Cristo (cf. Lc 14, 26) e a sofrer perseguição pela justiça (cf. Mt 5, 10), lembrados da palavra do Senhor: «se alguém quiser seguir-me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mt 16, 24). Finalmente, fomentando entre si a amizade cristã, prestam-se mutuamente ajuda em todas as necessidades”.

Mas em suma, o que é viver a caridade? Será ajudar o próximo a amenizar o seu sofrimento? Será dar-lhe os bens necessários à sua sobrevivência? Segundo Jesus Cristo isso não é caridade. Isso é solidariedade. Caridade, segundo Jesus, é socorrer, carregando nas costas o irmão ferido, comprometer-se com ele, participar de suas dores físicas, morais, espirituais. A resposta dada por Jesus é contada por Lucas em 10, 29-37, onde narra o ferido abandonado, semimorto, não socorrido por quem se dizia praticante da lei, mas por aquele que diziam não ter lei, chega a ele, tem compaixão, presta-lhe os primeiros socorros, coloca-o em seu cavalo, leva-o ao posto médico, paga adiantada a assistência necessária e se compromete ressarcir o que gastar a mais, na sua volta. E o ferido nem era conhecido seu. E Jesus reafirma que cenas como essa é a caridade, concluindo: “*Vai, e também tu, fazes o mesmo*”.

Essa ajuda, ou caridade, está presente em todos os momentos, seja físico, material ou espiritual. Não é uma “ajudazinha”, mas trazer para si o sofrimento do necessitado, “*renunciando a si mesmo, tomando a cruz, e seguindo feliz para o calvário*”, segundo o julgamento do mundo.

O serviço apostólico do leigo é revestido, interiormente, da espiritualidade. Fazer o bem sem a espiritualidade, é solidariedade, não é amor. É uma experiência pastoral segundo o estado de cada pessoa. A caridade é revestida por características especiais e espirituais, como continua o número 4 da *Apostolicam Actuositatem*:

“Esta espiritualidade dos leigos deverá assumir características especiais, conforme o estado de matrimônio e familiar, de celibato ou viuvez, situação de enfermidade, atividade profissional e social. Não deixem, por isso, de cultivar assiduamente as qualidades e dotes condizentes a essas situações, e utilizar os dons por cada um recebidos do Espírito Santo.

Além disso, aqueles leigos que, seguindo a própria vocação, se alistaram em alguma das associações ou institutos aprovados pela Igreja, devem de igual modo esforçar-se por assimilar as características da espiritualidade que lhes é própria. Tenham também em muito apreço a competência profissional, o sentido de família e o sentido cívico e as virtudes próprias da convivência social, como a honradez, o espírito de justiça, a sinceridade, a amabilidade, a fortaleza de ânimo, sem as quais também se não pode dar uma vida cristã autêntica”.

Em outras palavras, para cada atividade pastoral é necessário obedecer os carismas pessoais, preparando-se para que haja frutos que permaneçam. Não se trata apenas de “fazer”, mas fazer segundo os dons de cada um.

E mais uma vez é exigida a preparação específica para cada atividade missionária e coerência com o que se propõe:

“Além disso, aqueles leigos que, seguindo a própria vocação, se alistaram em alguma das associações ou institutos aprovados pela Igreja, devem de igual modo esforçar-se por assimilar as características da espiritualidade que lhes é própria. Tenham também em muito apreço a competência profissional, o sentido de família e o sentido cívico e as virtudes próprias da convivência social, como a honradez, o espírito de justiça, a sinceridade, a amabilidade, a fortaleza de ânimo, sem as quais também se não pode dar uma vida cristã autêntica.

O modelo perfeito desta vida espiritual e apostólica é a bem-aventurada Virgem Maria, rainha dos Apóstolos: levou, na terra, uma vida igual à de todo, mantinha unida a seu Filho e de modo singular cooperou na obra do Salvador; agora, elevada ao céu, «cuida com amor materno dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, peregrinam ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada». Prestem-lhe todos um culto cheio de veneração e confiem à sua solicitude materna a própria vida e apostolado”.

Agora há um apelo para que haja preparação específica a cada forma de apostolado. É preciso o conhecimento e exigências, tanto social como pastoral, para cada atividade missionária. Conhecer a realidade do mundo para colocar, com propriedade, o evangelho no seu meio. Quanto à preparação, o Magistério da Igreja oferece com suas exortações, encíclicas e outras normas pastorais subsídios à prática missionária. Para a pastoral familiar, há documentos preciosíssimos à formação; para a catequese, um bom volume de documentos para ser estudado; para a juventude, igualmente o magistério disponibiliza um rico acervo; para liturgia, não falta ótima literatura. E assim para cada linha pastoral a Igreja está atenta à sua formação. O modelo de tudo isso é Maria, que continua assistido os discípulos missionários com sua graça. Sem o espírito de acolhida fraterna e abertura evangélica nenhum apostolado vingará. A ação pastoral é da Igreja e não de grupos.

Diác. José Barbosa de Miranda
29.07.2022